SÔBRE OS CRUSTÁCEOS REFERIDOS POR MARCGRAVE EM SUA "HISTÓRIA NATURALIS BRASILIAE" (1648)

(Com 4 estampas)

ALCEU LEMOS DE CASTRO
Museu Nacional, Rio de Janeiro

É bem conhecida dos estudiosos de História Natural a extraordinária obra de JORGE MARCGRAVE, publicada em 1648 sob o título de "História Naturalis Brasiliae", na qual são representados de maneira bastante fiel, se levarmos em conta a época da sua publicação, numerosos exemplares da nossa fauna e da nossa flora. Via de regra, de cada ser tratado, fornece Marcgrave uma descrição sucinta, acompanhada, na maioria dos casos, de uma ilustração razoável.

Ao realizarmos um estudo crítico do conhecimento dos crustáceos do Brasil, tema oficial do I Congresso Brasileiro de Zoologia, tivemos oportunidade de consultar com cuidado a referida obra, na parte referente àqueles animais. Os crustáceos são tratados por Marcgrave no livro IV, capítulos XIX a XXII (no último reunidos aos moluscos e equinodermas). As 26 espécies representadas são designadas pelos nomes indígenas respectivos, alguns dos quais têm sido adotados na nomenclatura zoológica internacional, não só como nomes genéricos (*Aratus, Uca*), como também específicos (*maracoani, guanhumi,* etc.); quase todos, porém, são de uso comum no vocabulário popular, seja sob a forma original, sejam corruptelas.

Uma observação interessante é a de que as designações genéricas *Aratus* e *Uca* são hoje válidas para espécies que não correspondem aos braquiuros referidos por Marcgrave sob os nomes de "aratu" e "uçá", respectivamente.

Dos diversos carcinólogos que têm procurado identificar os crustáceos de MARCGRAVE com as espécies hoje conhecidas pelos seus nomes científicos, podemos citar, entre outros, MILNE EDWARDS (1837), RATHBUN (1918, 1925, 1930 e 1937), SAWAYA (1942) e HOLTHUIS (1952 e 1959). A contribuição maior neste particular se deve, incontestàvelmente, a SAWAYA; os seus comentários, publicados juntamente com a tradução brasileira de "História Naturalis Brasiliae" e em separata, são, sem dúvida, da maior valia, constituindo-se mesmo em um trabalho de consulta obrigatório para os carcinólogos que estudam a fauna brasileira.

O melhor conhecimento atual dos nossos crustáceos permitiu-nos verificar diversas incorreções nos comentários de SAWAYA, algumas delas já cometidas anteriormente por RATHBUN, e identificar de maneira mais completa e mais segura alguns dos animais referidos por Marcgrave. Constatamos, por exemplo, que nem sempre as descrições dos crustáceos coincidem com as figuras que as acompanham, fato que parece haver passado desapercebido até a presente data e que tem motivado enganos na identificação.

O presente trabalho tem apôio no de SAWAYA, objetivando atualizá-lo, corrigí-lo e completá-lo tanto quanto possível, razão pela qual foi conservada, em essência, a mesma disposição dada por aquêle autor.

CAPÍTULO XIX

Guaia apara, Cancer maximus. Varie alliae cancrorum species.

453 "Guaia apara" (Est. 1, fig. 1) — Para M. EDWARDS (1837, II:104), esta espécie corresponde a *Calappa marmorata* Latreille, 1802-1803 (non *Cancer marmoratus* Fabricius, 1787), que é sinônima de *Calappa flammea* (Herbest, 1784). Embora RATHBUN, em seu trabalho monográfico sôbre os carangueijos das Américas, nada diga a respeito, SAWAYA concorda com o ponto de vista de M. EDWARDS, declarando que as figuras dadas por êste último autor, por MARCGRAVE e por RATHBUN "mostram características bem semelhantes". Entretanto, HOLTHUIS (1952, p. 146-186) considera a distribuição de *C. flammea* limitada de North Carolina a Florida Keys, Tortugas e Gulf Coast (Estados Unidos e México) e de Bermudas a Bahamas, mostrando que as referências feitas por diversos autores com relação à ocorrência desta espécie mais para o sul desta faixa são errôneas. O material estudado por HOLTHUIS, procedente do nordeste do Brasil, foi referido para a espécie nova *C. ocellata* (Est. 1, fig. 2) e os exemplares existentes no Museu Nacional, identificados como *C. flammea* por CARLOS MOREIRA, pertencem também àquela espécie. *C. ocellata*, embora muito afim a *C. flammea*, se distingue desta pela granulação mais destacada da carapaça, que é ligeiramente mais estreita, pelas margens ântero-laterais mais convexas e pelas extremidades póstero-laterais mais acentuadas. Na realidade, a figura do "guaja apara" de MARCGRAVE se assemelha mais a *C. ocellata*, parecendo-nos, portanto, mais correto considerar êste carangueijo como correspondendo a esta espécie.

O vocábulo indígena "guaiá" ou "goiá" é uma designação popular em nossos dias de uso geral para carangueijos.

454 "Guaia alia species" (Guaia, outra espécie) (Est. 1, fig. 3) — Como indicou SAWAYA, êste carangueijo corresponde a *Persephona punctata punctata* (L.), (Est. 1, fig. 4) comum em nosso litoral.

455 "Guaia alia species" (Est. 1, fig. 4) — Parece não haver sido feita, até a presente data, a identificação dêste braquiuro. SAWAYA é de opinião de que a descrição de MARCGRAVE convém aos representantes da família *Cancridae*, declarando que alguns caracteres constantes da mesma parecem indicar um carangueijo do gênero *Cancer* L. Apesar da figura ser muito fantasiosa, acreditamos que se trate de um *Majidae*. A forma da carapaça e o aspecto das patas e das quelas, levam-nos a classificar o animal no gênero *Mithrax* Latreille. Diversas espécies dêste gênero ocorrem na costa brasileira, sendo que a que se enquadra na descrição de MARCGRAVE é *Mithrax* (*Mithrax*) *hispidus* (Herbest), (Est. 1, fig. 6), espécie encontrada desde Delaware Bay (USA) até o Estado de São Paulo. Os indivíduos desta espécie alcançam grande porte e possuem côr vermelha, carregada, quase uniforme, em concorrência com os caracteres cromáticos dados por MARCGRAVE.

456 "Guaia mirim" (Est. 1, fig. 8) — Não pudemos chegar a qualquer conclusão com relação ao carangueijo em questão. Evidentemente, trata-se de um representante da família *Xanthidae*. Existem vários gêneros desta família que ocorrem em nossas águas. A figura dada por MARCGRAVE é muito imprecisa, não permitindo sequer uma identificação genérica segura, porém estamos de acôrdo com SAWAYA quanto à possibilidade de se tratar de um *Panopeus*.

457 "Aratu peba" — Embora designado por "aratu", a descrição dêste carangueijo não permite enquadrá-lo entre os representantes da família *Grapsidae*, para os quais a designação vulgar se aplica. Não há qualquer figura que possa auxiliar a

identificação. Segundo SAWAYA, a descrição dada para o "aratu peba", até certo ponto, convém ao gênero *Ovalipes* Rathbun (família *Portunidae*). Seba (1758, t. XVIII, n.° 9) chama erradamente de "aratu pinima" de Marcgrave (que é, na realidade, o *Goniopsis cruentada* (Latreille)) ao hoje conhecido por *Ovalipes ocellatus guadulpensis* (Saussure) (veja Rathbun, 1930, p. 23), espécie que não teve ainda a sua ocorrência constatada em nossas águas até a presente data. Em nossa opinião, o "aratu peba" se inclui no gênero *Ovalipes*, mas não corresponde à espécie acima citada e sim ao *O. punctatus* (De Haan), encontrado no sul do país o que apresenta, em concordância com a descrição de Marcgrave, "uma mancha vermelha quase em forma de pirâmide e de cada lado se acha pintada uma bola vermelha".

458 e 459 "Ciri apoa" (Est. II, fig. 9) — Êste crustáceo é, sem dúvida, um dos nossos siris comuns, de largo consumo na alimentação. Segundo Rathbun (l.c., p. 118) corresponde talvez ao *Callinectes danae* Smith (família *Portunidae*).

460 "Ciri obi" — Parece corresponder, como julga Rathbun (l.c., p. 134, pl. 58, figs. 2 e 3 e pls. 59 e 60), ao nosso "siri chita", *Arenaeus cribrarius* Lamarck, em face das características manchas na carapaça indicadas por Marcgrave. Sawaya declara que "tal indicação deve ter sido feita quase exclusivamente pela figura e pelos caracteres cromáticos". No entanto, a ilustração a que Sawaya se refere corresponde ao "ciri apoa", pois, "a figura de um coração e outras de diferentes tonalidades" referidas na descrição de Marcgrave relativa a êste animal estão claramente representadas.

461 "Maracoani' (Est. II, fig. 10) — É uma das espécies mais características do gênero *Uca* (família *Ocypodidae*), fàcilmente reconhecível pelo aspecto da quela maior dos machos, que lhes vale o nome vulgar de "tesoura" e "navalha". São designados cientìficamente por *Uca maracoani* (Latreille).

462 "Carara una" (Est. II, fig. 12) — Dêste crustáceo dá Marcgrave uma figura reduzida, porém relativamente boa, representando o animal em vista dorsal. Sawaya declara não haver encontrado referência bibliográfica que permitisse a identificação; admite, entretanto, que possa se tratar de uma *Uca* fêmea (braços de igual tamanho). Os caracteres mostrados na figura e na descrição, tais como: corpo quadrado, superfície dorsal e patas achatadas, a região gástrica bem delimitada, levam-nos a incluir o animal no gênero *Sessarma* Say, da família *Grapsidae*, e no subgênero *Holometopus* pela ausência de dente atrás do dente orbital externo. Dste subgênero ocorrem 4 espécies em nosso litoral: *S. rectum* Randall, *S. miersi* Rathbun, *S. ricordi* e *S. angustipes* Dana (Est. II, fig. 13). A última citada é a que melhor se enquadra na descrição dada por Marcgrave.

462 "Aguara uca" (Est. II, fig. 16) — Está certo Sawaya em considerar êste crustáceo como sendo um *Ocypode*, muito provàvelmente o *O. albicans* Bosc., hoje colocado na sinonímia de *O. quadrata* (Fabricius), (Est. II, fig. 17). São conhecidos vulgarmente por "Maria farinha" (com especialidade em Pernambuco) e "grauçá" ou "guaruçá" (E. do Rio e S. Paulo), corruptelas do nome indígena. Ihering (1940, p. 365 e 379) registra os dois últimos vocábulos, referindo-se, erradamente, aos 'guaiás".

CAPÍTULO XX

Uca una. Cancer palustris terrestris aliquot. Potiquiquya. Tamaru guacu.

463 Carangueijos terrestres dos mangues (Decapoda, Reptantia, Brachyura). Inclui

também alguns Macrura e um Stomatopoda.

464 "Uca una" (Est. II, fig. 14) — Trata-se, sem dúvida, do *Ucides cordatus* (L.), (Est. II, fig. 15), família *Gecarcinidae*, conhecido vulgarmente por "uçá". Oliveira (1939, p. 118) dá um histórico explicativo do uso da designação genérica *Ucides* Rathbun para êste animal e a de *Uca* Leach para os "ciê-ciê" de Marcgrave. O "Cancer Uka una, brasiliensis" de Seba (l.c., t. XVIII, n.° 8) corresponde, não ao *U. cordatus*, mas sim a uma espécie do gênero *Uca*.

465 "Uca guacu" — De acôrdo com Bosc (1830, I, p. 244) e M. Edwards (l.c., II, p. 46), Sawaya considera êste como pertencendo à família *Ocypodidae*, correspondendo ao *Ocypode quadrata* (Fabricius). Esta opinião não nos parece acertada. Diz Marcgrave textualmente: "na figura e conformação assemelha-se inteiramente ao antecedente, exceto na côr e no tamanho". Ora, *O. quadrata* não se assemelha de maneira alguma com o "uca una". Os autores acima citados basearam-se, evidentemente, na figura estampada ao lado da descrição do "uca guacu" e que representa na realidade o *O. quadrata;* julgamos, porém, que a figura se encontra deslocada em relação à descrição a que corresponde, que é a do "aguara uca". Pode talvez o "uca guacu" representar um exemplar de maior porte da mesma espécie precedente, opinião esta apoiada pela variação de côres que podem apresentar os espécimes.

465 "Cunuru" — Também considerado por Sawaya como um *Ocypodidae*. Entretanto, o próprio Marcgrave declara tratar-se da fêmea do "uca una", o que é confirmado na descrição com respeito ao fato de possuir braços pequenos e pilosidade mais fraca.

466 "Guanhumi" (Est. III, fig. 18) — E o *Cardisoma guanhumi* Latreille (família *Gecarcinidae*), conhecido mais vulgarmente por "guaiamu", (Est. III, fig. 19). Lejeune (1947) assinala ainda os têrmos vulgares: "guanhamu" e "goiamu" e Sawaya refere-se a mais outros dois: "carangueijo terrestre branco" e "carangueijo mulato da terra". A fêmea é conhecida por "pata choca".

467 "Aratu" e "aratu pinima" — Para Rathbun (l.c., p. 323, pl. 96), êste carangueijo é o *Aratus pisonii* (M. Edw.), também conhecido entre nós por "Marinheiro", ponto de vista que é seguido por Sawaya. Êstes autores parece haverem-se baseado na figura existente ao lado da descrição. Estamos convencidos de que a figura, sem dúvida representando o *Aratus pisonii*, acha-se deslocada em relação à descrição a que se refere (veja sob "carara pinima"), o que tem motivado a identificação errônea. A breve descrição de Marcgrave refere-se, cremos, ao *Goniopsis cruentata* (Latreille), da família *Grapsidae* (Est. I, fig. 7). Os caracteres cromáticos, principalmente, tais como: "pernas ruivas, marchetadas de manchas purpúreas, pretas e brancas", "braços iguais, vermelhos, mas amarelos claros nas extremidades" e mais: "as pernas são cobertas de alguns pelos pretos", são típicos da espécie mencionada.

Goniopsis cruentata é um belo carangueijo de mangue, de porte bem maior que o *Aratus pisonii* e que, como êste, possui a habilidade de subir às árvores.

A designação vulgar "aratu" é hoje empregada indiferentemente para várias espécies da família *Grapsidae*.

468 "Ciecie ete" (Est. III, fig. 21) — Corresponde realmente aos pequenos carangueijos do mangue, conhecidos pelos nomes vulgares de "ciê-ciê" e "chama-maré", compreendendo algumas espécies do gênero *Uca* Leach (família *Ocypodidae*). Para Rathbun, o "ciecie ete" de Marcgrave é a *Uca thayeri* Rathbun. Parece-nos difícil, entretanto, indicar com segurança a espécie a qual se possa referir.

469 "Cie cie panema": Refere-se também a um representante do gênero *Uca*.

470 "Potiquiquiya" (Est. III, fig. 20) — É uma das nossas lagostas marinhas de importância comercial e que se inclui no gênero *Panulirus* (família *Palinuridae*). A descrição e figura, muito imprecisas, não permitem dizer a qual das três espécies comuns do litoral brasileiro pertence.

471 "Potiquiquyixe" (Est. III, fig. 22) — Marcgrave não dá qualquer descrição, mas fornece uma boa figura do animal. Sawaya indica tratar-se de um decápode Reptantia, da família *Scyllaridae*, cujos representantes são popularmente chamados de "lagostins" e "lagostas-sapateiras"; informa ainda os gêneros que ocorrem no Brasil, sem indicar em qual dêles possa ser incluído o animal em questão. Podemos afirmar, porém, que o "potiquiquyixe" é certamente o *Parribacus antacticus* (Lund) (Est. III, fig. 23), espécie já assinalada para o litoral brasileiro. Entre outros caracteres, o aspecto dos dentes laterais do céfalo-tórax e das antenas e a distância interocular, evidenciados na figura estampada, não deixa a menor dúvida a respeito.

472 "Tamaru guacu" (Est. IV, fig. 24) — Segundo M. Edwards (1837, p. 519), corresponde a *Squilla scabricauda* Lamarck (Stomatopoda, Squillidae), espécie transferida posteriormente para o gênero *Lysiosquilla* Dana. Sawaya tomando por base a chave genérica publicada por Schmitt (1940, p. 137), discorda dêste ponto de vista, justificando que os caracteres tirados tanto da descrição como da figura dadas por Marcgrave não concordam com os do gênero *Squilla* Fabricius. Mas, a êsse tempo, *S. scabricauda* já se encontrava incluída no gênero *Lysiosquilla*, no qual o animal perfeitamente se situa. Com base no aspecto característico do telson indicado na figura, estamos de acôrdo com M. Edwards em considerar o "tamaru guacu" de Marcgrave como correspondendo a *L. scabricauda* (Est. IV, fig. 25), que é, aliás, extremamente comum em nosso litoral. Êstes animais são conhecidos por "tamburutaca", "tamarutaca", "lagosta-gafanhoto", "mãe do camarão", etc.

CAPÍTULO XXI

Guaricuru. Carara pinima. Potipema. Paranacare. Potiatinga. Potiguacu.

474 Neste capítulo são tratados alguns Decapoda Macrura e um Decapoda Reptantia Brachyura.

475 "Guaricuru" (Est. IV, fig. 26) — Como mostrou Sawaya, o vocábulo "gammarus" mencionado por Marcgrave não se aplica ao crustáceo em questão. A figura estampada representa um camarão e os "gammarus" situam-se na sub-classe Amphipoda, grupo representado pelos chamados "saltões" ou "pulgas da praia". Sawaya declara que o "guaricuru" lembra muito de perto um *Atydae* do gênero *Atya* Leach. Podemos identificar êste animal como sendo a *Atya scabra* Leach (Est. IV, fig. 27), de ocorrência já comprovada no nordeste do Brasil (Oliveira, 1946). A designação vulgar de "curuca" por que são conhecidos naquela região, tem evidentemente relação com a terminação do nome indígena.

476 "Carara pinima" (Est. IV, fig. 28) — Marcgrave refere-se ao têrmo português "marinheiro" pelo qual são êstes crustáceos conhecidos entre nós até hoje, devido à habilidade que possuem de subir às árvores. A designação vulgar "aratu", aplicada a diversas espécies da família *Grapsidae*, é empregada comumente para êste animal. Trata-se do *Aratus pisonii* (M. Edw.) (Est. IV, fig. 29). Como já foi dito atrás, Rathbun considera erradamente o "aratu pinima" de Marcgrave como correspondendo a esta espécie.

477 "Potipema": — De acôrdo com Holthuis (1952, p. 114), julgamos tratar-se de

um camarão de água doce, pertencente à família *Palaemonidae*, e denominado cientificamente *"Macrobrachium carcinus* (L.). São vulgarmente conhecidos entre nós por "pitu" ou "lagosta de água doce". Alcançam grande porte (os machos mais de 20 cm) e as faixas longitudinais escuras do corpo, referidas por Marcgrave, são características desta espécie. Etmològicamente falando, não está ainda esclarecido se os têrmos 'pitu" e "poti" (camarão em geral) têm alguma relação além do aparente anagrama.

478 "Paranacare" — Como já apontou Sawaya, corresponde a um representante da família *Paguridae*, anomuro que habita conchas de moluscos. A figura é pouco detalhada e a falta de conhecimento que temos ainda das côres que apresentam as nossas espécies não permitem uma melhor caracterização com base na descrição. A julgar pelas dimensões do animal, pode talvez o mesmo ser referido ao gênero *Petrochirus* Stimpson. Êstes crustáceos são conhecidos por "paguros", "bernardo-eremitas", etc.

480 "Potiatinga" e "potiguacu": — Não há qualquer ilustração e a breve descrição apresentada nos leva a conclusão de que se trata de camarões marinhos da família *Penaeidae*, gênero *Penaeus* Fabricius. Apesar de incluir espécies muito comuns e de grande importância comercial devido ao largo emprêgo na alimentação, há ainda uma certa confusão na sistemática do gênero *Penaeus*, não se sabendo, até a presente data, quais as espécies que realmente ocorrem em nosso litoral e, bem assim, a sua distribuição geográfica.

CAPÍTULO XXII

Reri. Reri apiya & Zoophyta quaedam.

Trata o capítulo de crustáceos cirrípedes, moluscos e equinodermas. Nossos comentários abrangem apenas os primeiros.

482 "Reri apiya": — São crustáceos cirrípedes da família *Lepadidae;* incluem-se, sem dúvida, no gênero *Lepas* L., como confirma Sawaya. A figura dada é boa, porém a descrição é bastante falha, englobando cirrípedes das famílias *Lepadidae* e *Balanidae*. São chamados vulgarmente de "conchas marrecas".

483 "Reri apiya": — Como os precedentes, são crustáceos cirrípedes. Pertencem à família *Balanidae*, provàvelmente ao gênero *Balanus* da Costa, conhecidos por "cracas" ou "caracas".

BIBLIOGRAFIA

HOLTHUIS, L.B.

1956 — Proposed addition to the "Official List of Generic Names in Zoology" of the names of twenty-five genera of Macrura Reptantia (Class Crustacea, Order Decapoda), including proposals for the use of plenary powers ... *Bull. Zool. Nomen.*, 12,(4):107-119.

1958 — Studies Fauna Curaçao 8. West Indian crabs of the genus *Calappa*, with a description of three new species. *Caribbean Mar. Biol. Inst. Curaçao*, Collected Papers 7:146-186, figs. 1-54.

1959 — The Crustacea Decapoda of Suriname (Dutch Guiana). *Zool. Verhand.*, n.º 44:1-296, text-figs. 1-68, pls. I-XVI.

IHERING, R. VON

1940 — *Dicionário dos animais do Brasil.* Secretaria de Agricultura e Comércio do Estado de S. Paulo. Pgs. 1-898.

LEMOS DE CASTRO, A.

1955 — Contribuição ao conhecimento dos crustáceos da ordem Stomatopoda do litoral brasileiro (Crustacea, Hoplocarida). *Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro* (nov. Sér.), Zool. (128): 1-68, figs. 1-56.

MARCGRAVE, G.
1648 — *Historia Naturalis Brasiliae.*
1648 — *Historia Natural do Brasil.* (Tradução brasileira de Mons. Dr. José Procopio de Magalhães. Ed. do Museu Paulista, S. Paulo, 1942: 1-293. Comentários: I-CIV).

MARTIUS, C.F.
1867 — *Glossaria linguarum brasiliensium.* XXI + 548 p. Leipzig.

MONTOYA, A.R. DE
1876 — *Gramatica y diccionarius* (Arte, vocabulario y tesoro) de la lengua tupi ó guarani. Pgs. 1-407.

MOREIRA, C.
1901 — Crustáceos do Brasil. *Arch. Mus. Nac.* Rio de Janeiro, 11:1-153, 5 est.

MILNE EDWARDS, A.
1837 — *Histoire Naturelle des Crustacés,* vol. I (1834): I-XXXV, 1-148; vol. II: 1-532; atlas: 1-32, pls. 1-42.

OLIVEIRA, L.P.H. DE
1939 — Contribuição ao conhecimento dos crustáceos do Rio de Janeiro. Gênero *Uca* (Decapoda, Ocypodidae). *Mem. Inst. Osw. Cruz,* 34(1):115-148, est. 1-14.
1945 — Verificação da existência de *Atya scabra* Leach, camarão dágua doce da família Atyidae, Crustacea, no nordeste do Brasil. *Mem. Inst. Osw. Cruz,* 43(2):177-190, est. I e II.

RATHBUN, M.J.
1918 — The grapsoid crabs of America. *Bull. U.S. Nat. Mus.,* 97:XXII + 461, text-figs. 1-172, pls. 1-161.
1925 — The spider crabs of America. *Bull. U.S. Nat. Mus.,* 129:XX + 598, text-figs. 1-153, pls. 1-283.
1930 — The cancroid crabs of America of the families Euryalidae, Portunidae, Atelecyclidae, Cancridae et Xanthidae. *Bull. U.S. Nat. Mus.* 152:XVI+609, text-figs. 1-85, pls. 1-230.
1937 — The oxystomatous and allied crabs of America. *Bull. U.S. Nat. Mus.,* 166:VI + 277, text-figs. 1-47, pls. 1-86.

SANTOS, EURICO
1959 — Zoologia Brasilica VIII. O mundo dos artrópodes. F. Briguiet & Cia. Ed. (Crustáceos, pgs. 105-175).

SAWAYA, PAULO
1942 — *Comentários sôbre Crustáceos, Moluscos e Equinodermas.* Caps. XIX-XXII do livro IV da Historia Naturalis Brasiliae de Jorge Marcgrave (Separata da "Historia Natural do Brasil", tradução brasileira, pgs. 61-65).

SEBA, A.
1758 — Locupletissimi Rerum Naturalium Thesauri accurata descriptio et iconibus artificiosissimus expressio per universam physice-historiam, t. III (Crustáceos, pgs. 37-57, tb. XVI-XXII).

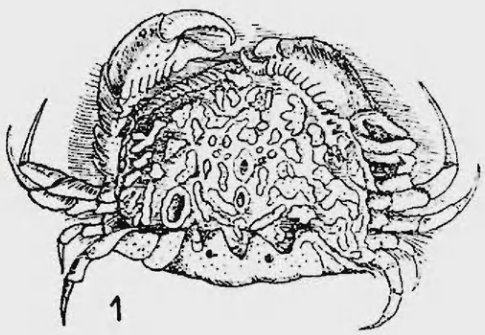
SCHMITT, W.L.
1940 — The Stomatopods of the west coast of America: Allan Hancock Pacific Exp., 6(4):129-225.

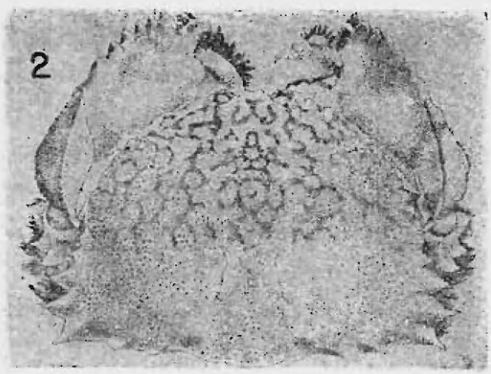
VASCONCELOS, A.
1944 — Carangueijos. Boletim da S. A. I. C., vol. 11, n.º 1-2, março e junho: 44-50, 3 est., figs. 1-6.

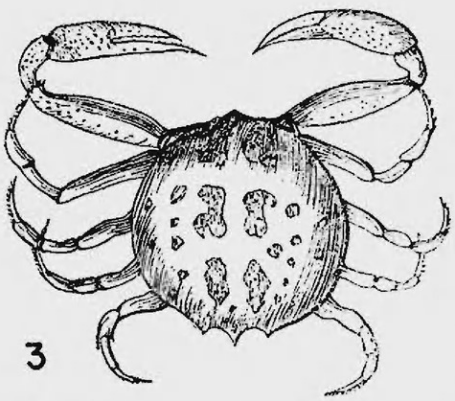
VIEIRA, A.
1947 — A curuca, curioso camarão das corredeiras. Chácaras e Quintais, dez., 76(6):698, 1 fig.

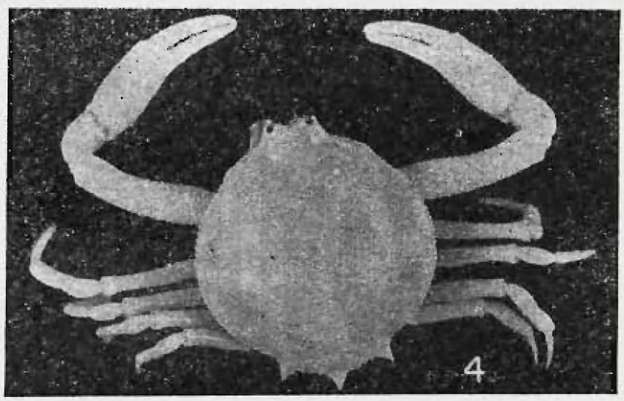
ESTAMPA I

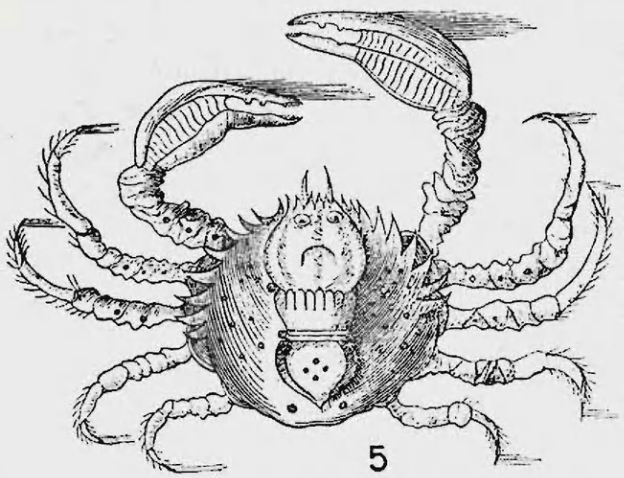
1 — "Guaia apara". 2 — *Calappa ocellata* Holthuis (de Holthuis, 1952). 3 — "Guaia alia species" (n.° 454). 4 — *Persephona punctata punctata* (L.) (Proc. — Baía da Guanabara). 5 — "Guaia alia species" (n.° 455). 6 — *Mithrax* (*Mithrax*) *hispidus* (Herbst), macho. (Proc. — Rio de Janeiro). 7 — *Goniopsis cruentata* (Latreille), macho (Proc. — Rio de Janeiro). 8 — "Guaia mirim".

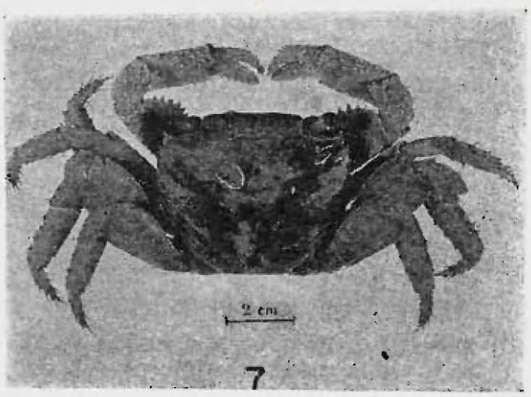

1


2

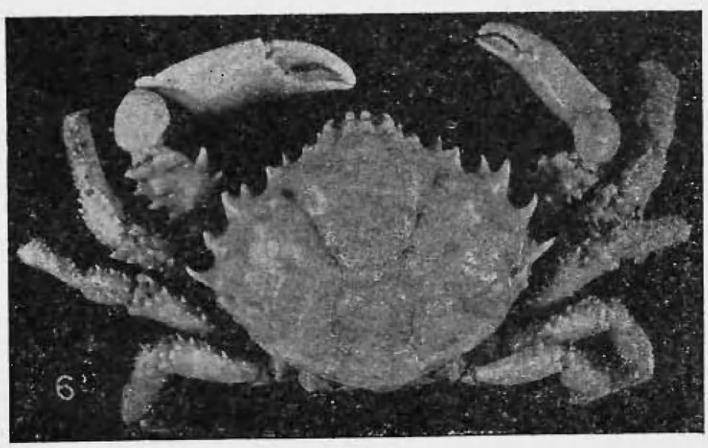

3

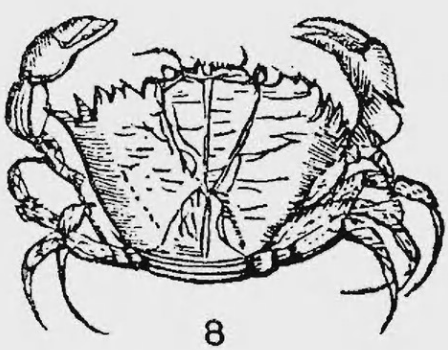

4


5



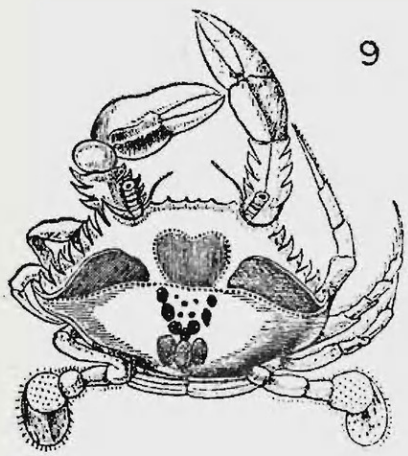
7

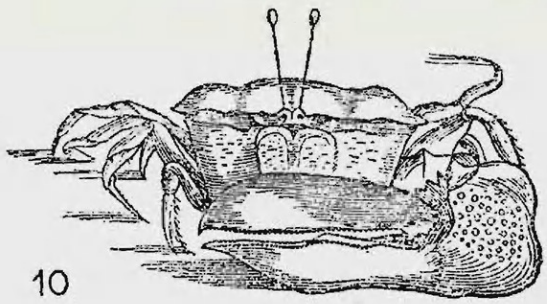

6

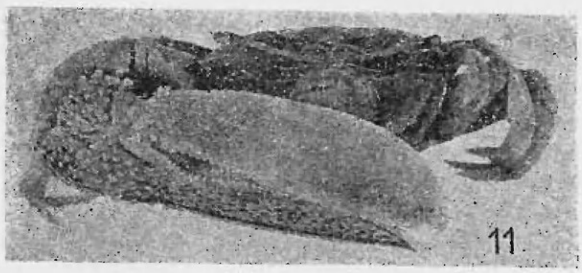

8

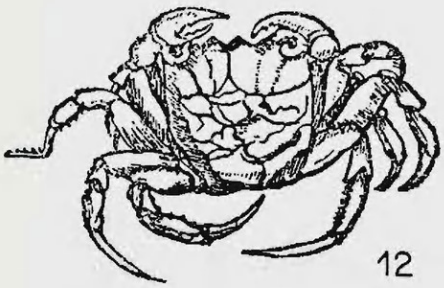
ESTAMPA II

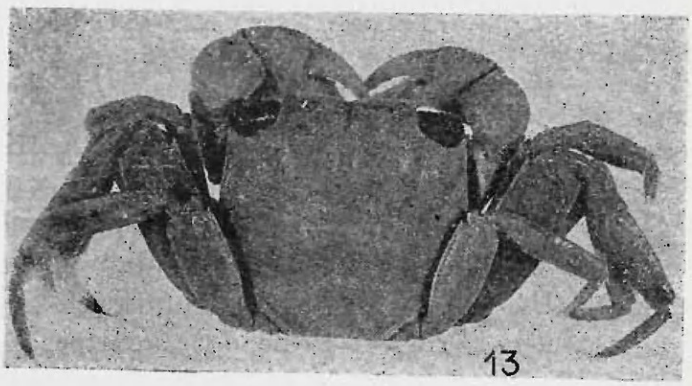
9 — "Ciri apoa" (? *Callinectes danae* Smith). 10 — "Maracoani". 11 — *Uca maracoani* (Latreille), macho (Proc. — Praia do Pina, Recife, Estado de Pernambuco). 12 — "Carara una". 13 — *Sesarma* (*Holometopus*) *angustipes* Dana, macho (Proc. — Rio de Janeiro). 14 — "Uca una". 15 — *Ucides cordatus* (L.), macho (Proc. — Rio de Janeiro). 16 — "Aguara uca". 17 — *Ocypode quadrata* (Fabricius), fêmea (Proc. — Maceió, Alagoas).

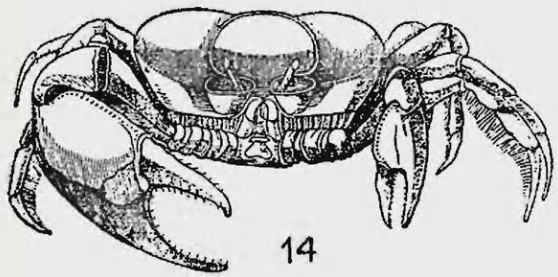

9

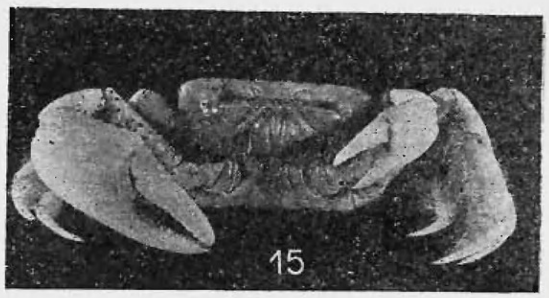

10

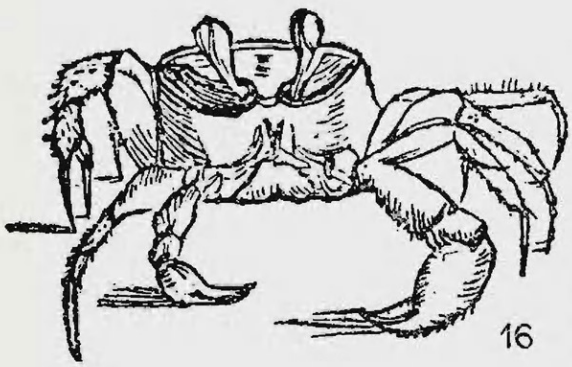

11


12


13


14

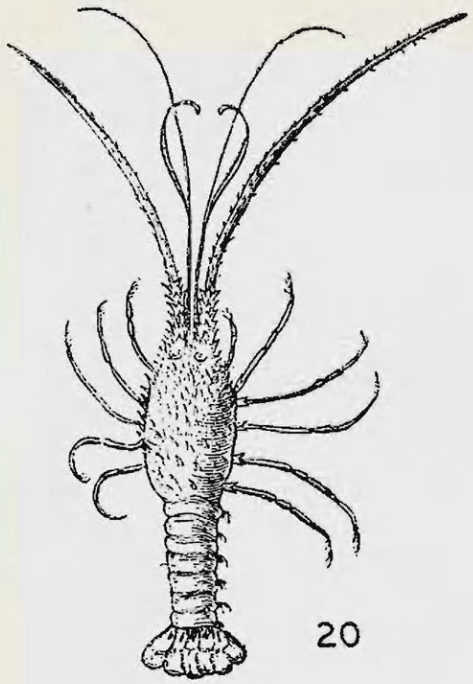

15


16

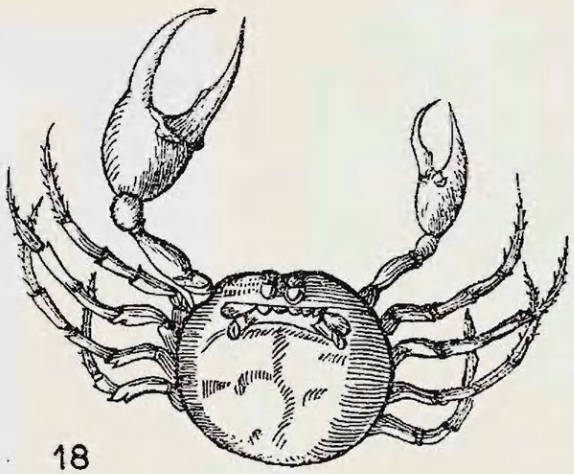
17

ESTAMPA III

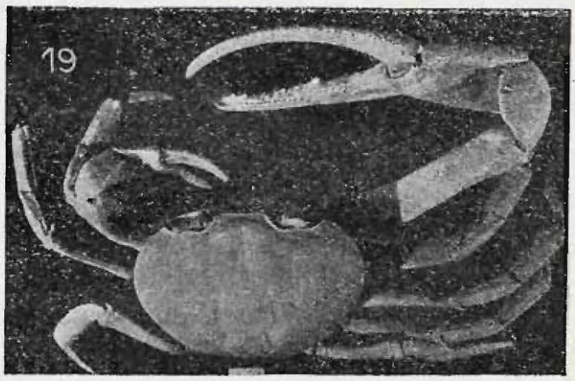
18 — "Quanhumi". 19 — *Cardisoma guanhumi* Latreille, macho (Proc. — Rio de Janeiro). 20 — "Potiquiquiya" (*Panulirus sp.*). 21 — "Ciecie ete" (*Uca* sp.). 22 — "Potiquiquyixe". 23 — *Parribacus antacticus* (Lund). (Proc. — Praia de Mucuripe, Fortaleza, Estado do Ceará).



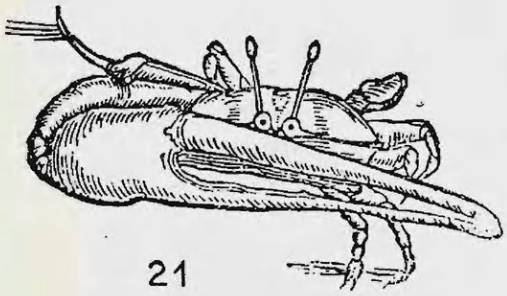
20



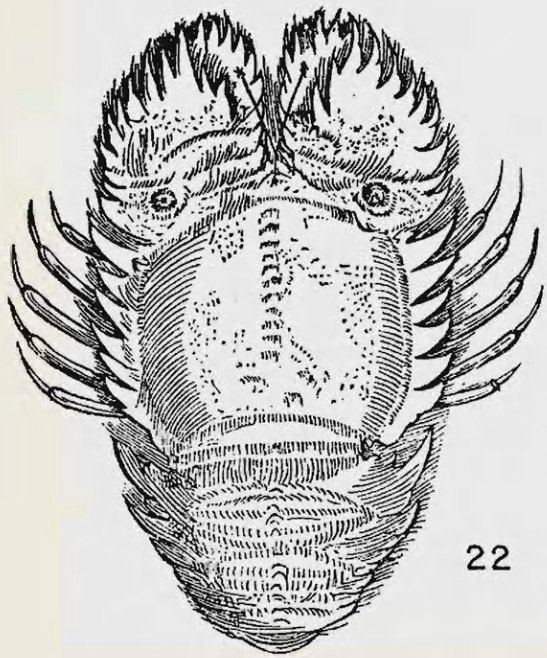
18



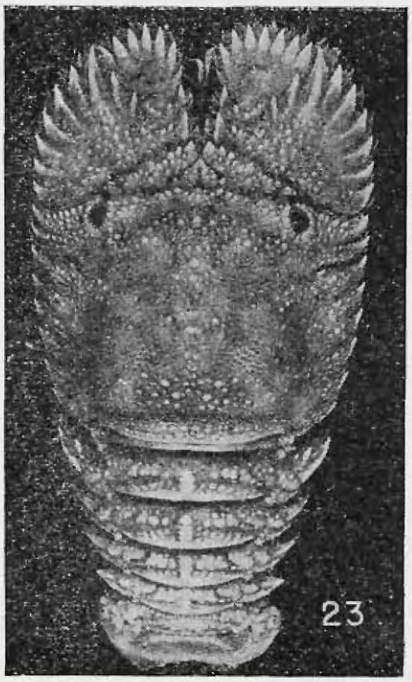
19



21



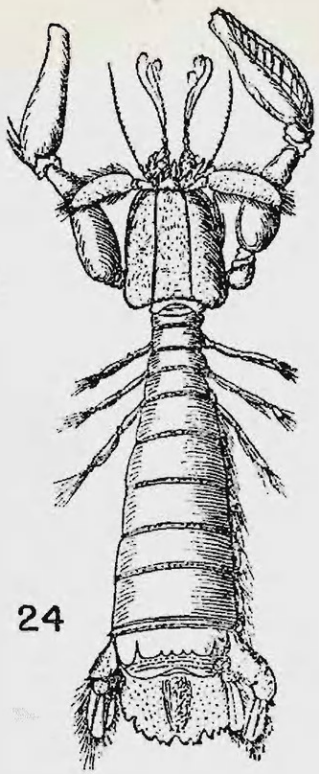
22



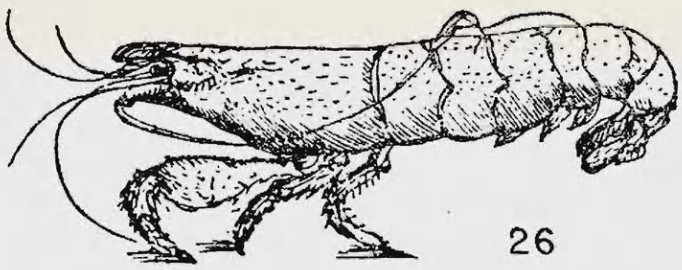
23

ESTAMPA IV

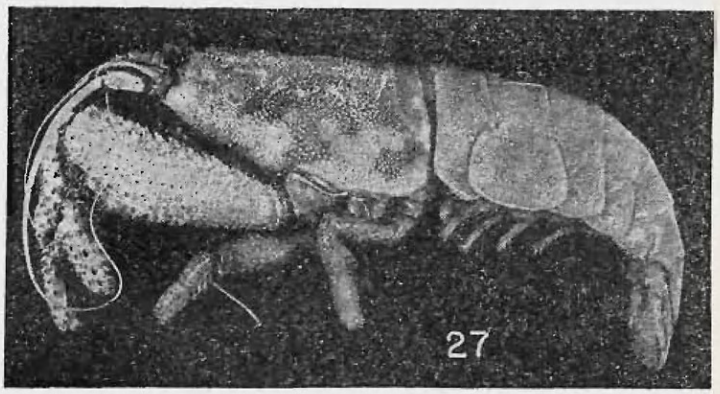
24 — "Tamaru guacu". 25 — *Lysiosquilla scabricauda* Lamarck, macho (Proc. Rio de Janeiro). 26 — "Guaricuru". 27 — *Atya scabra* Leach. (Rio Serinhaem, Estado de Pernambuco). 28 — "Carara pinima". 29 — *Aratus pisonii* (M. Edw.) (Proc. Rio de Janeiro).



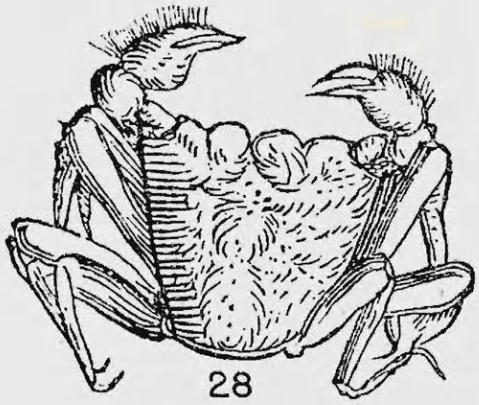
24



26

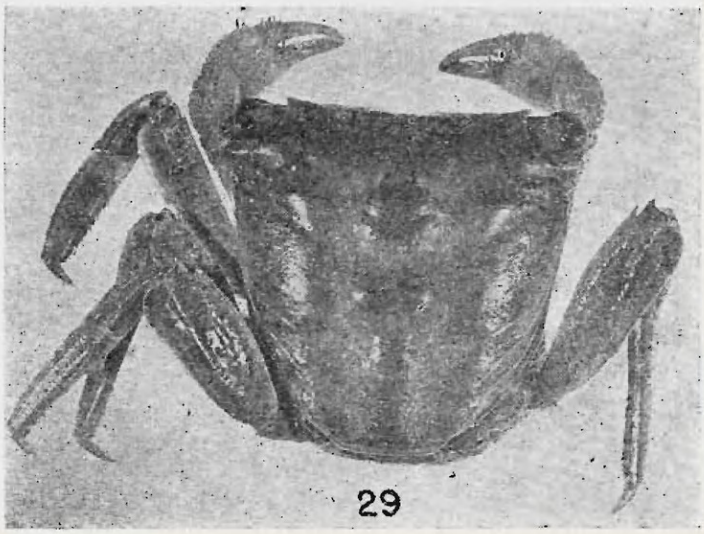


27



28

25



29

Castro, Alceu Lemos de. 1962. "Sôbre os Crustáceos referidos por Marcgrave em sua “Historia Naturalis Brasiliae” (1648)." *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* 52, 37–51.

View This Item Online: https://www.biodiversitylibrary.org/item/261667
Permalink: https://www.biodiversitylibrary.org/partpdf/280049

Holding Institution
BHL SciELO

Sponsored by
BHL - SciELO

Copyright & Reuse
Copyright Status: In copyright. Digitized with the permission of the rights holder.
Rights Holder: Museu Nacional
License: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/
Rights: http://biodiversitylibrary.org/permissions

This document was created from content at the **Biodiversity Heritage Library**, the world's largest open access digital library for biodiversity literature and archives. Visit BHL at https://www.biodiversitylibrary.org.

This file was generated 16 April 2022 at 15:33 UTC